

Algo explode e depois a explosão fica calma, absolutamente calma: estalido silente, luminoso caos ordenado, movimentos vertiginosos, e círculos incompletos, e esferas em relevo; tudo isto acoplado harmonicamente em surtos de quietude. Á semelhança do que sucede entre os bastidores da natureza humana.

Se olharmos para os quadros de Juan Sánchez sem procurar figuras pintadas, porque as não há, com a mente em branco, passivos perante a sua pintura impositiva e, sem dúvida, empática, descobrimos nos círculos, os relevos, as cascatas insinuadas ou nos traços de expansão, um tema, em cada forma ou cor um subtema e, na sua mistura, um intratema. E assim por diante podemos continuar a descer ou a subir por uma ramificação infinita, como o é a nossa mente, essa desconhecida.

E não é que o artista tenha deixado a sua imaginação à solta, não. É precisa uma grande dose de maturidade humana e artística para tanta premeditação; para saber como descompor e realidade em sensações, plasmar essas sensações plasticamente e com grande qualidade estética, e depois nos deixar as chaves para fazermos o caminho inverso até à realidade de cada um de nós.

Luisa S. L.